

Patologia das Doenças 5

Yvanna Carla de Souza Salgado
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Yvanna Carla de Souza Salgado

(Organizadora)

Patologia das Doenças

5

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P312 Patologia das doenças 5 [recurso eletrônico] / Organizadora Yvanna Carla de Souza Salgado. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Patologia das Doenças; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-88-8

DOI 10.22533/at.ed.888181411

1. Doenças transmissíveis. 2. Patologia. I. Salgado, Yvanna Carla de Souza. II. Série.

CDD 616.9

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Aspectos Epidemiológicos de Patologias” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora. Em seu volume V, apresenta em seus capítulos, aspectos epidemiológicos de patologias analisados em algumas regiões brasileiras.

A Patologia é a ciência que envolve o estudo das alterações estruturais, bioquímicas e funcionais nas células, tecidos e órgãos. O objetivo de estudar essa área é analisar as alterações dos sistemas orgânicos provocadas por uma enfermidade. É uma área abrangente e complexa que engloba diversos aspectos como a fisiologia, microbiologia, imunologia, análise molecular, entre outros; na tentativa de elucidar a etiologia, sinais e sintomas manifestos, fornecendo suporte para o tratamento.

Esse ramo da ciência engloba todos os seres vivos, em suas respectivas peculiaridades fisiológicas, fornecendo suporte não somente para compreensão das manifestações em humanos, como em animais e plantas também. O intuito deste compilado de artigos é inter-relacionar o desenvolvimento científico e profissional com a divulgação dos estudos realizados na área.

A obra é fruto do esforço e dedicação das pesquisas dos autores e colaboradores de cada capítulo e da Atena Editora em elaborar este projeto de disseminação de conhecimento e da pesquisa brasileira. Espero que este livro possa permitir uma visão geral e regional das doenças tropicais e inspirar os leitores a contribuírem com pesquisas para a promoção de saúde e bem estar social.

Yvanna Carla de Souza Salgado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PADRÃO EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES HOSPITALARES POR INSUFICIÊNCIA CARDÍACA EM ALAGOAS: 2010 A 2014	
<i>José Wanderley Neto</i>	
<i>Francisco Siosney Almeida Pinto</i>	
<i>José Kleberth Tenório Filho</i>	
<i>Laís Cerqueira de Moraes</i>	
<i>Laysa Monique Honorato de Oliveira</i>	
CAPÍTULO 2	12
PERFIL CLÍNICO E EPIDEMIOLÓGICO DE MENORES DE 15 ANOS DIAGNOSTICADOS COM HANSENIASE NO MUNICÍPIO DE SÃO LUIS – MA	
<i>Hermaiza Angélica do Bonfim Loiola</i>	
<i>Dorlene Maria Cardoso de Aquino</i>	
<i>Luciane Sousa Pessoa Cardoso</i>	
<i>Andréa Dutra Pereira</i>	
<i>Ana Paula Mendes Barros Fonseca</i>	
<i>Rita da Graça Carvalhal Frazão Correa</i>	
<i>Maria de Fátima Lires Paiva</i>	
CAPÍTULO 3	20
INTERNAÇÕES POR CAUSAS EXTERNAS EM INDÍGENAS DE MATO GROSSO, BRASIL, DE 2010 A 2016.	
<i>Júlia Maria Vicente de Assis</i>	
<i>Marina Atanaka</i>	
<i>Tony José de Souza</i>	
<i>Rita Adriana Gomes de Sousa</i>	
CAPÍTULO 4	30
COMORBIDADES ASSOCIADAS AO USO DE DROGAS EM USUÁRIOS QUE SE SUBMETERAM AO TRATAMENTO EM COMUNIDADE TERAPÊUTICA DE CACOAL-RO	
<i>Fabio Castro Silva</i>	
<i>Aline Brito Lira Cavalcante</i>	
<i>Marciano Monteiro Vieira</i>	
<i>Paula Cristina de Medeiros</i>	
<i>Rasna Piassi Siqueira</i>	
<i>Wellen Kellen Rodrigues Soares</i>	
<i>Wílian Helber Mota</i>	
<i>Marco Rogério Silva</i>	
<i>Ângela Antunes de Moraes Lima</i>	
<i>Teresinha Cícera Teodoro Viana</i>	
<i>Juliana Perin Vendrusculo</i>	
<i>Marcia Guerino</i>	
<i>Leonemar Bittencourt Medeiros</i>	
CAPÍTULO 5	40
TRABALHO E ADOECIMENTO DOCENTE: ESTRESSE E A SÍNDROME DE BURNOUT	
<i>Zípora Morgana Quinteiro dos Santos</i>	
<i>Marlene Quinteiro dos Santos</i>	
CAPÍTULO 6	56
HAPLOINSUFICIÊNCIA DO GENE SOX 5: SÍNDROME DE LAMB-SHAFFER	
<i>Alana Rocha Puppim</i>	

CAPÍTULO 7 62

PROFILAXIA POR SALPINGO-OOFORECTOMIA E MASTECTOMIA BILATERAL EM PACIENTES PORTADORES DE MUTAÇÕES NOS GENES BRCA

Carina Scanoni Maia
Fernanda das Chagas Angelo Mendes Tenorio
Juliana Pinto de Medeiros
Luciana Maria Silva de Seixas Maia
Karina Maria Campello
Gyl Everson de Souza Maciel

CAPÍTULO 8 70

ACIDENTES POR NIQUIM, THALASSOPHRYNE NATTERERI (BATRACHOIDIDAE): CARACTERIZAÇÃO EPIDEMIOLÓGICA

Nayara Joyce Mendes Nascimento
Juliana Quitéria Barbosa Vieira
Katianne Daiane Maranhão da Cunha
Deyse dos Santos Oliveira
Cristine Maria Pereira Gusmão
Adriana de Lima Mendonça

CAPÍTULO 9 77

MICOBACTÉRIAS EM BOVINOS

Karla Valéria Batista Lima
Marília Lima Conceição
Emilyn Costa Conceição
Ismari Perini Furlaneto
Luana Nepomuceno Gondim Costa Lima
Ana Roberta Fusco da Costa
Washington Luiz Assunção Pereira

CAPÍTULO 10 93

INDUÇÃO DA FITOALEXINA GLICEOLINA EM SOJA POR EXTRATO DE ALECRIM

Eloisa Lorenzetti
José Renato Stangarlin
Elizana Lorenzetti Treib
Juliano Tartaro
João Cezar Alves da Silva
Adrieli Luisa Ritt

SOBRE A ORGANIZADORA 99

PERFIL CLÍNICO E EPIDEMIOLOGICO DE MENORES DE 15 ANOS DIAGNOSTICADOS COM HANSENIASE NO MUNICIPIO DE SÃO LUIS – MA

Hermaiza Angélica do Bonfim Loiola

Universidade Federal do Maranhão - UFMA. São
Luis - MA

Dorlene Maria Cardoso de Aquino

Universidade Federal do Maranhão - UFMA. São
Luis - MA

Luciane Sousa Pessoa Cardoso

Universidade Federal do Maranhão - UFMA. São
Luis - MA

Andréa Dutra Pereira

Universidade Federal do Maranhão - UFMA. São
Luis - MA

Ana Paula Mendes Barros Fonseca

Universidade Federal do Maranhão - UFMA. São
Luis - MA

Rita da Graça Carvalhal Frazão Correa

Universidade Federal do Maranhão - UFMA. São
Luis – MA

Maria de Fátima Lires Paiva

Universidade Federal do Maranhão - UFMA. São
Luis - MA

RESUMO: A hanseníase acomete a população em todas as faixas etárias, sendo mais comum em adultos, porém, a ocorrência de casos em crianças está relacionada à incidência da hanseníase em países endêmicos, como é o caso do Brasil. Este estudo possui o objetivo de analisar o perfil clínico e epidemiológico de crianças menores de 15 anos diagnosticadas com hanseníase em um município do

Maranhão. Estudo descritivo, com crianças de 5 a 14 anos de idade de ambos os sexos, residentes em São Luís – MA. Para a análise do perfil epidemiológico e clínico, utilizou-se um formulário. Foram analisados 40 casos, sendo observadas maiores freqüências do sexo masculino (55,0%), idade de 12 a 14 anos (45,0%), cor parda (48,78%), escolaridade de 1ª a 4ª série incompleta do ensino fundamental (62,50%), residentes no distrito Cohab (47,50%) e com renda familiar acima de 01 salário mínimo (72,50%). Já as características clínicas, 55,0% foram classificadas operacionalmente como multibacilares e 55,0% apresentaram grau de incapacidade física igual a 0. A hanseníase é um grave problema de saúde pública no Brasil, por ainda apresentar índices elevado de pacientes portadores de hanseníase com idade inferior a 15 anos, comprometendo a qualidade de vida dos pacientes.

PALAVRAS-CHAVE: Hanseníase. Epidemiologia. Saúde da Criança.

ABSTRACT: Leprosy affects the population in all age groups, being more common in adults, but the occurrence of cases in children is related to the incidence of leprosy in endemic countries, as is the case in Brazil. This study aims to analyze the clinical and epidemiological profile of children under 15 diagnosed with leprosy in a municipality of Maranhão. Descriptive study,

with children from 5 to 14 years of age of both sexes, living in. For the analysis of the epidemiological and clinical profile, a form was used. 40 cases were analyzed, with the highest frequencies being male (55.0%), age between 12 and 14 years old (45.0%), brown color (48.78%), incomplete education (62.50%), who were residents of the Cohab district (47.50%) and had a family income above 01 minimum wage (72.50%), while the clinical characteristics were 55.0% operationally classified as multibacillary and 55, 0% presented a degree of physical incapacity equal to 0. Leprosy is a serious public health problem in Brazil, as it still has high rates of leprosy patients under the age of 15 years, compromising patients' quality of life.

KEYWORDS: Leprosy. Epidemiology. Child Health.

1 | INTRODUÇÃO

A hanseníase ainda é um grave problema de saúde pública no Brasil, tendo em vista que este é o único país da América Latina que não atingiu a meta de eliminação da doença, estipulada pela redução do coeficiente de prevalência a menos de um caso em cada dez mil habitantes (BRASIL, 2016).

O Maranhão ainda é tido como um dos estados hiperendêmico na hanseníase, principalmente em relação a casos de crianças portadoras da doença, isto por possuir dados elevados da doença, com um coeficiente de prevalência de 17,56 por 100.000 habitantes em menores de 15 anos (BRASIL, 2016).

Atualmente o controle efetivo da hanseníase possui como limitação o fato de a doença possuir um longo período de incubação, do número elevado de casos, do estigma que a doença determina e das seqüelas que os pacientes desenvolvem. Desta forma, a busca incessante de contatos na hanseníase mostra-se um método eficaz para o diagnóstico precoce da doença, sendo possível diminuir as fontes de infecção e interromper a transmissão da doença, tendo em vista que nessa idade é mais fácil detectar a fonte por meio de delimitação do convívio familiar (PIRES, et. al, 2012).

As doenças crônicas de pele, como a hanseníase, vêm sendo observadas não apenas do ponto de vista físico, mas também nos aspectos psicossociais que sofrem influência de fatores emocionais e sociais, afetando a qualidade de vida dos pacientes (SANTOS, 2007).

A criança, por estar em continuo processo de desenvolvimento e crescimento, ao apresentar alterações físicas, corporais ou comportamentais, ou, até mesmo, qualquer condição que ameace a integridade corporal e a auto-imagem, será percebida de maneira diferente e demandará mecanismos de defesa e adaptativos específicos de cada idade. Além disso, a perda de segurança pode causar dano ao próprio desenvolvimento, refletindo na sua vida adulta (BARREIRE, et. al, 2003).

Os dados sobre a hanseníase em menores de 15 anos no estado do Maranhão, o qual ainda é considerado alto e hiperendêmico, despertaram o interesse em estudar

a doença, em especial na saúde infantil, e torna-se válido a medida em que o público infantil é suscetível a alterações no seu padrão de vida que podem resultar em prejuízo para o seu desenvolvimento ao longo dos anos, podendo ser prejudicial a sua qualidade de vida.

2 | MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo de caráter quantitativo, realizado no município de São Luís –MA, composto pela Unidade de Saúde do Turu, Centro de Saúde do Vicente Fialho (AMAR), Centro de Saúde Dr. Genésio Rêgo e Hospital Aquiles Lisboa. A população do estudo foi constituída por crianças de 5 a 14 anos de idade, de ambos os sexos, residentes em São Luís – MA, que se encontravam em registro ativo. Os dados foram coletados por meio de uma Ficha Protocolo baseada na Ficha de Notificação/Investigação da Hanseníase do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) contendo variáveis socioeconômicas e demográficas e condições clínicas. Após coletados, os dados foram digitados em um banco de dados por meio do Excel, sendo posteriormente analisados e demonstrado em gráficos e tabelas pelo programa citado. Este estudo foi oriundo de um projeto maior, sendo autorizado pela Secretaria Municipal de Saúde e Secretaria Estadual de Saúde do Estado do Maranhão e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão com número de parecer 1.227.248. A pesquisa foi desenvolvida conforme preconiza a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde para Pesquisa em Seres Humanos, utilizando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com os responsáveis das crianças.

3 | RESULTADOS

Das 40 crianças portadoras de hanseníase que participaram do estudo, 22 (55,0%) crianças eram do sexo masculino, com idade entre 12 a 14 anos(45,0%), de cor parda (48,78%), com escolaridade entre a 1ª e 4ª série incompleta do ensino fundamental (62,50%) do distrito residencial da Cohab (47,50%), com renda familiar inferior a 01 salário mínimo (15,0%) (Tabela 1).

DADOS SOCIOECONÔMICOS	n	%
Faixa Etária		
05 a 07 anos	6	15,00
08 a 11 anos	16	40,00
12 a 14 anos	18	45,00
Sexo		
Feminino	18	45,00
Masculino	22	55,00
Raça		
Branca	15	36,59
Negra	5	12,20
Parda	20	48,78
Indígena	1	2,44
Escolaridade		
1ª a 4ª Série Incompleta	25	62,50
4ª Série Completa	1	2,50
5ª a 8ª Série Incompleta	14	35,00
Renda familiar		
< 01 salário mínimo	6	15,00
1 salário mínimo	5	12,50
> 01 salário mínimo	29	72,50
Distrito de Residência		
Centro	2	5,00
Cohab	19	47,50
Itaqui	7	17,50
Tirical	12	30,00
TOTAL	40	100,00

Tabela 1 – Crianças de 5 a 14 anos afetadas pela hanseníase, segundo dados socioeconômicos em São Luís - MA, 2016.

Fonte: elaborado pelo autor

Na tabela 2, em relação as características clínicas da hanseníase, 15 (37,50%) crianças apresentaram a forma clínica dimorfa, de classificação operacional multibacilar (55,0%). Quanto ao grau de incapacidade no diagnóstico, 22 crianças (55,0%) apresentavam grau 0.

CARACTERÍSTICAS CLÍNICA	n	%
Forma Clínica		
Dimorfa	15	37,50
Indeterminada	07	17,50
Tuberculóide	14	35,00
Virchowiana	04	10,00
Classificação Operacional		
Multibacilar	22	55,00
Paucibacilar	18	45,00
Grau de Incapacidade no diagnóstico		
Grau 0	22	55,00
Grau 1	10	25,00
Grau 2	08	20,00
TOTAL	40	100,00

Tabela 2 – Crianças de 5 a 14 anos afetadas pela hanseníase, segundo características clínicas em São Luís - MA, 2016.

Fonte: Elaborado pelo autor.

4 | DISCUSSÃO

Os resultados do estudo revelaram uma maior freqüência da doença em crianças com a faixa etária de 12 a 14 anos de cor parda. A hanseníase na infância não possui uma taxa de prevalência diferenciada em relação ao sexo, porém o autor Sousa, Silva, Lobo e Barboza (2011) afirma que a incidência da doença no sexo masculino é maior. Cecílio (2012) corrobora com esses dados, tendo em vista que seu estudo realizado na região Nordeste, no período de 2001 a 2011, a freqüência maior dos indivíduos acometidos era do sexo masculino.

Em relação a predominância da cor parda, esta pode estar diretamente ligada ao processo de colonização do Brasil e da mistura de raças. A miscigenação de raças no Brasil pode ter gerado um perfil genético que contribui para a incidência da hanseníase (CECILIO, 2012).

As crianças do estudo possuíam escolaridade entre a 1^a e a 4^a série do ensino fundamental. Estas possuem uma maior probabilidade de adquirir a doença por estarem em idade escolar. Norman (2004) em seu estudo com 36.376 crianças em idade escolar na Índia no ano de 2001 e 2002, diagnosticou 22 casos da doença em menores de 15 anos de idade. Em concordância com os dados do estudo, Talhari, Torrecila e Talhari (1987) examinaram no estado do Amazonas nos anos de 1979 a 1982, 100.939 crianças, e diagnosticaram 107 casos de hanseníase em crianças em idade escolar.

Silva, Toledo e Gelatti (2015) em seu estudo no Estado de Goiás, apresentou dados em relação a casos novos de hanseníase do ano de 2009 a 2013, sendo maior a ocorrência em crianças de 5 a 9 anos de idade e de 10 a 14 anos, todos em idade escolar.

A renda familiar era inferior a 01 salário mínimo e residiam no distrito da Cohab, considerado de classe média baixa. Pessoas que possuem um baixo poder aquisitivo, tendem a usufruir de condições de moradia precária e uma alimentação inadequada, contribuindo assim para a endemicidade da doença na infância. Silveiras (2004) em seu estudo observou que metade das famílias das crianças portadoras de hanseníase, possuíam renda inferior a quatro salários mínimos. Já Santos (2007) observou o predomínio de uma renda inferior a 01 salário mínimo por família, corroborando com os dados estudo.

No estudo em relação as características clínicas, houve a prevalência da hanseníase multibacilar nas crianças, embora esta forma clínica seja menos prevalente em crianças. O autor Batista, et.al (2011) afirma que é perfeitamente possível encontrar as formas multibacilares em crianças com uma frequência maior em áreas endêmicas, provavelmente porque os sintomas da doença podem ser confundidos com as doenças de pele comuns na infância e a detecção precoce da doença ser ineficiente.

Lima, Prata e Moreira (2008) em um estudo sobre o perfil epidemiológico da hanseníase em Brasília - DF, encontraram uma predominância da forma clínica dimorfa da hanseníase, em concordância com o nosso estudo, demonstrando a necessidade de prevenção e de ampliação de ações de controle da doença.

Ao analisar o grau de incapacidade no momento do diagnóstico, observou-se predomínio no grau 0, porém este fato não exclui outras limitações que podem ser ocasionadas pela doença. Em concordância com os dados obtidos no estudo, o autor Batista et.al (2011) afirma em um estudo realizado no RJ, que no momento do diagnóstico, se o paciente possuir grau de incapacidade zero, não exclui outras limitações, tendo em vista que a doença proporciona inúmeras incapacidades físicas.

Já em seu estudo, Lima, Prata e Moreira (2005) observaram que a frequência de incapacidades com graus 1 e 2 na faixa etária de 15 anos foi de 2 (0,7%) casos, e houve maior prevalência de incapacidades físicas nas pessoas com forma clínica multibacilar.

Dias (2010) em seu estudo sobre a avaliação comportamental de crianças com doenças crônicas de pele a partir de relatos de suas mães, retrata que o nervosismo, a tristeza e os problemas na escola são os responsáveis pela piora do quadro das dermatoses na criança, inclusive da hanseníase.

Sabe-se que nos dias atuais, há uma preocupação maior com relação a estética, e por isso deve-se ficar atento a crianças que emitem sentimentos de inadequação, estigmatização e interação social prejudicada. Essas crianças tendem a se afastar das pessoas ou vice-versa por acreditarem que a doença possa ser contagiosa ou resultado de injúrias (SILVARES, 2004).

Matos e Machado (2007) também corroboram para esta afirmativa ao relatar que o impacto da qualidade de vida dos pacientes com hanseníase é agravado pela associação da doença com o estigma social que as sociedades até os dias atuais mantêm em relação a doença, tratando-a como mutilante e incurável, resultando em discriminação e uma possível reclusão do convívio social.

Para uma recuperação plena da saúde dos portadores de hanseníase, principalmente as crianças, faz – se necessário uma terapêutica multidisciplinar que visualize as questões físicas, psicológicas e sociais desse paciente, além de decisões que busquem a diminuição do impacto da doença na qualidade de vida dos mesmos.

5 | CONCLUSÃO

O presente estudo revelou que a hanseníase acomete geralmente as crianças do sexo masculino, de cor parda, entre a idade de 12 e 14 anos, com escolaridade da 1a a 4a série do ensino fundamental e com renda família inferior a um salário mínimo. Sabe-se que alguns estudiosos vêm demonstrando em suas publicações, um aumento da hanseníase na infância, principalmente naquelas crianças com idade inferior a 15 anos, refletindo a real proporção do problema nas cidades endêmicas do Brasil, devido a carência de informação sobre a doença e ações efetivas de educação em saúde. Algumas pesquisas afirmam que os casos de hanseníase na infância estão relacionados com a precocidade na exposição da criança com o bacilo de Hansen e a persistência da transmissão da doença. Colaborando com o estudo, o Ministério da Saúde afirma que casos da hanseníase em menores de 15 anos é indicativo de alta endemicidade e uma maior incidência da doença em adultos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretária de Vigilância em Saúde. **Hanseníase, verminose e tracoma tem cura: a experiência de uma campanha integrada.** Boletim Epidemiológico. Brasília, nº21, v.47, 2016.

BARREIRE, S.G. et. al. **Qualidade de vida de crianças ostomizadas na ótica das crianças e das mães.** Jornal de Pediatria, 2003.

BATISTA, E.S.; CAMPOS, R.X.; QUEIROZ, R.C.G.; SIQUEIRA, S.L.; PEREIRA, S.M.; PACHECO, T.J.; PESSANHA, T.O.; FERNANDES, T.G.; PELLEGRINI, E.; MENDONÇA, S.B. Perfil Sócio-Demográfico e clínico – epidemiológico dos pacientes diagnosticados com hanseníase em Campos dos Goytacazes, RJ. **Rev Bras Clin Med.** São Paulo, 2011.

CECILIO, R.S.F. **Perfil clínico-epidemiológico da hanseníase no município de Irecê- Bahia, período de 2001-2011.** 2012. 39f. (Monografia). UFBA: Salvador, BA.

DIAS, N.G. **Avaliação comportamental de crianças com doenças crônicas de pele a partir de relatos de suas mães.** Dissertação de mestrado em análise do comportamento da Universidade Estadual de Londrina, 2010.

LIMA, M.A.; PRATA, M.O.; MOREIRA, D. Perfil da hanseníase no Distrito Federal no período de 2000 a 2005. **Ciências da Saúde. Brasília**, v.19, n.2, p.163-170, 2008.

MATOS, A.P.S; MACHADO, A.C.C. Influência das variáveis biopsicossociais na qualidade de vida em asmáticos. **Psic: Teor e Pesq.** 2007.

NEDER, L; WEELDEN, M.V; VIOLA, G.R. LOURENÇO, D.M; LEN, C.A. SILVA, C.A. Qualidade de vida relacionada à saúde avaliada pelo Inventário Pediátrico de Qualidade de vida 4.0 em pacientes pediátricos com hanseníase e manifestações musculoesqueléticas. **Rev. Bras. Reumatologia**, 2015; 55(5):414-419.

NETO, P.T.L.F; WEBER, M. FORTES, S; CESTARI, T; ESCOBAR, G; MAZOTTI, N. Avaliação dos sintomas emocionais e comportamentais em crianças portadoras de dermatite atópica. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, 2005 27 (3), 279 – 291.

NORMAN, G. Leprosy case detection using schoolchildren. **Lepr. Rev.**, v.75, n.1, p.34-39, 2004.

SANTOS, D. C. M. A hanseníase e o seu processo diagnóstico. **Hansen. int.**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 19-26, Jan. 2007.

SILVA, C.C.S. **Crianças indesejadas: Estigma e exclusão dos filhos de portadores de hanseníase internados no Preventório Santa Terezinha – 1930 -1967.** [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009.

SILVARES, E. **Porque trabalhar com a família quando se promove terapia comportamental de uma criança.** Centro de estudos em psicologia: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2004.

SILVA MNS, TOLEDO BJ, GELATTI LC. **Perfil epidemiológico de pacientes portadores de hanseníase em Uruaçu-Go.** Faculdade Serra da Mesa (FASEM); 2015.

SOUSA, N.P; SILVA, M,I,B; LOBO, C.G; BARBOZA, M.C.C. Análise da qualidade de vida em pacientes com incapacidades funcionais decorrentes de hanseníase. **Hansen Int.** 2011; 36 (1): 11 – 16.

PIRES, ET AL. Hanseníase em menores de 15 anos: a importância do exame de contato. **Rev. Paulista Pediatria**, 2012.

TALHARI, S.; TORRECILA, M.A.A.; TALHARI, A.C. A study of leprosy and other skin diseases in school children in the state of Amazonas, Brazil. **Lepr. Rev.**, v.58, n.3, p.233-237, 1987.

SOBRE A ORGANIZADORA

Yvanna Carla de Souza Salgado Possui graduação em Farmácia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2004), Habilitação em Análises Clínicas (2005), Especialização em Farmacologia (UNOPAR/IBRAS - 2011), Mestrado em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2013) e Doutorado em Biologia Celular e Molecular pela Universidade Federal do Paraná (2017). Possui experiência técnica como farmacêutica e bioquímica e atualmente trabalha com os temas: farmacologia, biologia celular e molecular e toxicologia.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-88-8



9 788585 107888